

## O Respiro da Arte em tempos de Pandemia

Aureo Guilherme Mendonça  
aureo.guilhermemendonca48@gmail.com  
<http://lattes.cnpq.br/2172598678026175>

### RESUMO

Nossa principal intenção é trazer para o debate da Artefactum a questão da nossa experiência com o projeto de extensão “Lona Cultural Virtual” imaginado para atuar como espaço de manutenção e questionamentos acerca do trabalho dos nossos artistas durante a pandemia. Se transformar em um picadeiro virtual que permite aos artistas de nossa região conversar com o seu público e divulgar seus trabalhos, ampliando as possibilidades de geração de renda. Ao mesmo tempo o projeto também abre uma janela para um debate quinzenal com lives que discutem questões relevantes no nosso âmbito cultural.

**Palavras-chave:** Arte; Virtual; Debate.

*O espaço-informação é a grande realização  
simbólica do nosso tempo. Passaremos as  
próximas décadas nos ajustando a ele.*

Steven Johnson

Em abril de 2020 a Pró-reitoria de Extensão (Proex) da Universidade Federal Fluminense (UFF) encaminhou para todas as suas unidades um indicativo para que os departamentos buscassem pensar projetos de extensão que de alguma forma pudessem contribuir com a sociedade brasileira no sentido de minimizar os efeitos danosos, em suas várias facetas, provocados pelo ambiente pandêmico. Instado por essa proposta da Proex elaborei o projeto “Lona Cultural Virtual”, e o registrei na plataforma Sigproj (Sistema de Informação e Gestão de Projeto), garantindo assim a sua identidade acadêmica.

Os dois principais eixos desse projeto foram: 1. Criação de um canal no You Tube com o nome do projeto e destinado a receber semanalmente os vídeos dos artistas com a gravação de um depoimento pessoal falando de sua própria formação, dificuldades (especialmente neste momento de pandemia) e projetos temporariamente engavetados e/ou desenvolvidos para o ambiente virtual. Agora em junho estamos fazendo um ano do início das nossas atividades extensionistas e foram mais de 30 artistas que participaram nas mais variadas modalidades: música, performance, poesia, artes plásticas, dança, teatro e literatura. 2. O segundo eixo foi quando estabelecemos um espaço quinzenal de debate, às quartas-feiras, 17h, na modalidade de live, com temas polêmicos especialmente na área cultural da região em está localizado o nosso campi (Rio das Ostras e adjacências), mas, o que se torna inevitável, também temas de abrangência nacional mas que nos afeta a todos. Essas lives também são gravadas e depois postadas em nosso canal do You Tube. Isto significa que aquela discussão terá seu registro garantido e acesso às pessoas que não puderam participar no dia e hora da live.

Um projeto acadêmico desse porte pressupõe que ele deve cumprir seu papel extensionista atendendo a comunidade do entorno conforme estabelece seu próprio texto de apresentação, mas ele também cumpre um importante papel na dinâmica da formação acadêmica da equipe de alunos do curso de Produção Cultural da UFF de Rio das Ostras. Essa equipe, que gira em torno de dez universitários de diferentes períodos, é a principal responsável pela manutenção e desenvolvimento dos trabalhos do Lona Cultural Virtual. Em função das diversas demandas desses alunos e alunas o grupo passa por constantes saídas e novas entradas provocando um fluxo de frequente renovação de seus quadros, o que consideramos como uma forma de ampliação das oportunidades de participação no projeto com o crescente amadurecimento do trabalho desses futuros produtores culturais. O Lona também se coloca aberto à participação dos demais professores deixando livre o espaço virtual para apresentação de trabalhos que dialoguem com a proposta do presente projeto. Esse fato nos induz a percebermos as novas e infinitas possibilidades do arsenal existente na rede para a difusão de ideias. Sabemos muito bem que o espaço digital não é o mais qualificado quando o assunto é relacionado aos nossos direitos de cidadania, mas entendemos também que a universidade tem um compromisso com o estabelecimento

urgente das condições de atuação livre e ao mesmo tempo segura de atuação na web. A situação anômala e imprevista da atual pandemia nos pressionou no sentido de queremos acelerar a melhoria das condições de trânsito nas vias digitais. De fato, agora passamos muito mais tempo na internet por termos sido forçados ao isolamento como forma de sobrevivermos ao Covid 19. Praticamente toda produção acadêmica foi transferida para a esfera do ambiente virtual até que a pandemia reduza seus efeitos danosos. Estamos sendo obrigados a conviver com os prós e os contras do ambiente digital, que já conhecíamos, mas não tínhamos tido ainda essa experiência de mergulharmos tão fundo nesse oceano dominado pelas grandes empresas da internet. O que significa hoje falar em privacidade? Isso faz algum sentido? A WikiLeaks há mais de dez anos lançou a questão de como os usuários da rede estavam sendo manietados seja pelas grandes empresas digitais e/ou pelos governos dos países dominantes do planeta. Não pretendo estender esse debate aqui nesse artigo, quero apenas deixar claro que qualquer trabalho que se faça no meio digital tem que ter clareza quanto ao solo que se está pisando e que os algoritmos não são apenas traços reveladores da Inteligência Artificial na rede, mas exercem um papel de controle sobre a população que habita esse espaço virtual. O importante é termos claro que vivemos em um espaço que não tem nada de inocente e que, muito ao contrário, as cartas já estão todas muito bem marcada e saber jogar é uma decisão imprescindível para a nossa sobrevivência como internautas.

No sentido de ilustramos essa questão penso nas palavras seguintes de Manuel Castells:

Na verdade, a liberdade nunca é uma dádiva. É uma luta constante; é a capacidade de redefinir autonomia e pôr a democracia em prática em cada contexto social e tecnológico. A internet encerra um potencial extraordinário para a expressão dos direitos dos cidadãos e a comunicação dos valores humanos. Certamente não pode substituir a mudança social ou a reforma política. Contudo ao nivelar relativamente o terreno da manipulação simbólica, e ao ampliar as fontes de comunicação, contribui de fato para a democratização. A internet põe as pessoas em contato numa ágora pública, para expressar suas inquietações e partilhar suas esperanças. É por isso que o controle dessa ágora pública pelo povo talvez seja a questão política mais fundamental suscitada pelo seu desenvolvimento. (CASTELLS, 2003, pág. 135).

Existe um pouco dessa ideia da “ágora pública” embutida em nosso projeto do Lona, porque também pensamos em transformar a rede nesse espaço de discussão permanente acerca da nossa liberdade de expressão vista sobre os mais diversos ângulos. E isto pensado a partir dos dois eixos do projeto: nos vídeos dos artistas o próprio depoimento pessoal de cada um deles é uma forma de debater as dificuldades de inserção de seus trabalhos junto ao público mesmo no período anterior à pandemia. As políticas públicas voltadas para a produção cultural continuam muito aquém das necessidades reais dos diversos equipamentos e agentes culturais. O Lona Cultural Virtual tem permitido que essas questões transpareçam e assim se transforme em um momento de interregno para que as reflexões aconteçam e possam apontar para possíveis saídas dos dilemas mais candentes da área cultural. Esse momento de crise pode ser aproveitado como um intervalo para pensarmos com mais profundidade sobre o nosso tão marginalizado e ao mesmo tempo tão necessário espaço das atividades culturais. Quanto ao segundo eixo, os debates quinzenais das quartas-feiras, também percebemos a mesma preocupação com o desvendar saídas. Aqui, a noção de “ágora pública” fica até mais evidente, porque as questões são levantadas na hora pelo público participante na plataforma digital e os resultados são muito positivos.

Também consideramos fundamental olharmos o ambiente cultural como a possibilidade de afirmação de nossa existência como povo e que se reconhece nesses meandros com a força de toda a sua diversidade e procurando expressar suas lutas decolonialistas em que nossas mentes podem superar um estado de subserviência por uma forma livre de operar sobre o mundo.

Nota-se que as políticas públicas orientadas para os patrimônios imateriais enfatizam o reconhecimento cultural como uma alternativa decisiva de construção e resgate da cidadania. São as expressões, justamente, o dado palpável e objeto de intervenção. Deste modo, ainda tratando do caso brasileiro, o jongo, o samba de roda do Recôncavo baiano, o samba carioca, o frevo, o acarajé, entre outros, tornam-se bens patrimonializados por sintetizarem modos de ser, agir e pensar reconhecidos e que dão a reconhecer uma “comunidade”, tornando-a idêntica entre si frente às alteridades internas à ecologia humana (Almeida, 2006). Ora, não é a toa que a convenção da Unesco, aprovada em 2006, se volta à “diversidade das expressões humanas”. (CASTRO/Org., 2010, pág. 18).

Acreditamos ao mesmo tempo, que todas as formas projetuais de estímulo à participação efetiva das pessoas leva a avanços importantes no âmbito do reconhecimento do papel essencial da cultura em nossas vidas. Para Clay Shirky existe uma cultura da participação pedindo para ser mais reconhecida. Sair do âmbito restrito do círculo familiar e das vozes apagadas em torno da TV e se permitir estabelecer encontros que debatam questões voltadas para as necessidades efetivas de mudança. Esse é parte dos nossos propósitos com o presente projeto. Estimular as pessoas a perceberem a importância da participação dialógica como atributo de um ato verdadeiramente cidadão de transformação da nossa sociedade. Acreditar como Bertolt Brecht que “infeliz é o povo que necessita de heróis”. A cultura pode nos ensinar a sermos artífices do nosso momento histórico, afinal produzir cultura é um modo de operarmos sobre o nosso próprio devir. E é exatamente nessa linha de raciocínio que pensam os alunos que participam da equipe do projeto, conforme a manifestação de um deles que eu resolvi registrar aqui neste artigo:

Meu nome é Pedro Henrique Vale, estou no último período do curso de Produção Cultural e faço parte do Lona desde 2020. O Lona cultural surge em uma conjuntura muito delicada para as universidades federais e a cultura. Com a pandemia do coronavírus, o ensino presencial tornou-se inviável, desse modo continuar com a produção acadêmica encontrou alguns desafios. No projeto incentivamos os trabalhos de artistas de Rio das Ostras e região com vídeos semanais que são postados em nossas redes sociais e quinzenalmente realizamos lives com diversos assuntos relacionados com a cultura. O projeto tem uma importância fundamental, pois é uma maneira que encontramos de disseminar debates críticos sobre temas sociais, em um momento onde estes vêm sendo duramente atacados, divulgar expressões artísticas da região, também apresentar o curso de produção cultural para futuros possíveis ingressantes. Além disso, é um espaço de aprendizagem para os estudantes do curso, pois nas atividades desenvolvemos habilidades de comunicação, organização, design e etc. Creio que a iniciativa deva se manter para além do ensino remoto especial e expandir seus horizontes, assim que possível, para atividades também presenciais, pois irá agregar muito a estudantes, professores e a comunidade civil como um todo."

É dessa forma que estimulamos nossos alunos a participarem do Lona e desenvolverem autonomia diante das questões que tenham que enfrentar como futuros produtores culturais. O conceito de participação tem assim uma função que extrapola a

ideia de simples momento de experiência compartilhada e ressoa como um verdadeiro instrumento que possibilita, através da ação consciente e coletiva, uma transformação da sociedade em que a cultura possa ser considerada tão essencial à vida como os alimentos que compõem a cesta básica.

Enfim, podemos afirmar que o Lona Cultural Virtual carrega uma importante missão que extrapola o círculo desse momento em que foi gerado: a pandemia no Brasil e todas as suas conhecidas sequelas sociais e políticas, o número excessivo de mortes em nosso país nos trás um grande ensinamento sobre termos que restaurar nossas relações com o outro, percebendo a necessidade urgente de refazermos nossas interações dialógicas o que inclui nossas ações nos meios digitais. O retorno às aulas presenciais não significa – já o sabemos – uma volta à antiga “normalidade”, mas precisamos rever nossos planejamentos pedagógicos sob o prisma de uma nova realidade que inclui, sobremaneira, um novo olhar sobre o que denominamos hoje de Antropoceno. O planeta já esgotou todo o seu arsenal de paciência com relação à espécie humana e a nossa existência depende agora de repensarmos nossas relações com as outras formas de vida nesta Terra, e o primeiro passo é percebermos que ela não é exclusivamente nossa e que devemos nos reeducar para manter ativo o pulso dessa vida da qual somos apenas uma parte mas totalmente dependentes de seu funcionamento sadio.

Se pensarmos a arte na linha de Heidegger como tendo o papel de desvelar o mundo para que possamos enxergar seus meandros mais obscuros, podemos confirmar o papel fundamental da cultura nesse momento de decidirmos nosso destino e construirmos nosso kairós contemporâneo com a retomada de nossa participação consciente e cidadã. A experiência amadurecida em cada projeto da universidade pública, mesmo com todas as dificuldades que as IES enfrentam neste momento adverso, é um espaço necessário no fortalecimento de nossas convicções em torno da transformação de nossas mentalidades e apontam para os desafios decolonialistas em curso. E a cultura pode contribuir com o resgate da utopia que necessitamos para recompor nossos laços de afeto e de solidariedade. Como em um ato poético devemos exigir que o conceito de “amor ao próximo” recupere seu sentido original de dádiva e se desgrude do seu ranço sofista proveniente da ótica predominante de sermos crias irrecuperáveis do mercado. Cada

atitude nossa, daqui prá frente, deve levar em conta esse trabalho incansável de escaparmos dessa reificação cotidiana e recuperarmos nossa vida na medida exata de uma real autonomia. Essa linha de pensamento pode ser bem ilustrada com a fala final de Bauman em seu livro *Comunidade*:

Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderia ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos. (BAUMAN, 2003, pág. 134).

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ASSNAGE, Julian. **Cyberpunks – Liberdade e o futuro da internet**. São Paulo: Boitempo, 2013.

BAUMAN, Zigmum. **A Cultura no Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

\_\_\_\_\_. **Comunidade – A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet – reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CASTRO, Ana Lúcia de (Org.). **Cultura Contemporânea, Identidades e Sociabilidades: olhares sobre o corpo, mídia e novas tecnologias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte**. Lisboa: Edições 70, 1999.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

SÁNCHEZ-OCAÑA, Alejandro Suárez. **A Verdade por trás do Google**. São Paulo: Planeta, 2013.

SHIRKY, Clay S. **A Cultura da Participação – Criatividade e generosidade no mundo conectado**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

**SOBRE O AUTOR:**

Possui graduação em História pela Universidade Federal fluminense (UFF), Mestrado em História e Crítica de Arte na Escola de Belas Artes (EBA) pela UFRJ, e Doutorado em Literatura Comparada no Curso de Letras da UFRJ, Pós-doutorado em Teoria Psico-política pelo HCTE da UFRJ. Atualmente é Professor Associado, área de Teoria e Crítica de Arte, no Curso de Produção Cultural do campus de Rio das Ostras da UFF (Departamento de Artes e Estudos Culturais/ RAE).